

FSP  
13/10/98  
1-6

QUESTÃO INDÍGENA *Órgão tem dívidas de R\$ 1,7 mi com fornecedores*

# Corte de verba da Funai deixa índios sem assistência no país

**JAIRO MARQUES**  
da Agência Folha  
**LUÍS INDRUNAS**  
da Agência Folha, em Belém

A dívida da Funai acumulada com fornecedores nos últimos seis meses ultrapassa R\$ 1,7 milhão. Depois do corte de R\$ 11 milhões no orçamento do órgão, anunciado em setembro, as administrações regionais se encontram em situação de penúria.

As Casas do Índio, setores da Funai que dão assistência aos índios, estão praticamente fechadas por falta de recursos.

A dívida de R\$ 1,7 milhão foi constatada por levantamento feito pela Agência Folha em 20 dos 52 distritos da Funai (Fundação Nacional do Índio) espalhados em todo o país.

A maior parte da dívida é com fornecedores de remédios, postos de gasolina, empresas de aviação e supermercados — que abastecem as Casas do Índio.

A Funai informou não ter estimativa do valor total da dívida das administrações regionais.

No final de setembro, o governo federal anunciou o corte de R\$ 11

milhões no orçamento da Funai — que hoje é de R\$ 35,6 milhões —, e a proibição de qualquer gasto por parte dos distritos até 31 de outubro. A situação dos distritos se tornou crítica.

“Os índios estão revoltados e já tem gente morrendo por falta de recursos”, disse Luiz Carlos da Silva Sampaio, representante do distrito da Funai em Colíder (MT), que atende índios do sul do Pará e do norte de Mato Grosso.

A dívida em Colíder (632 km de Cuiabá) é de R\$ 300 mil. Esse valor é superior à metade da dívida total da Funai no Mato Grosso, que é de R\$ 500 mil.

Parte dos gastos é com transporte aéreo de índios, que precisam sair das aldeias localizadas no meio da selva para tratamento ou outras emergências que só podem ser resolvidas na cidade.

A Funai estima que pelo menos 300 índios sejam transportados mensalmente das aldeias para as cidades, de avião ou helicóptero.

“Os pilotos locais já estão se recusando a transportar os índios por falta de pagamento”, disse Sampaio.

Márcio Santilli, ex-presidente da

Funai (de 95 até início de 96), disse que o problema de endividamento do órgão “não é novo”, mas acredita que dinheiro, somente, “não vai resolver nada”.

“Há anos que ações concretas de apoio às aldeias estão paralisadas. O problema não é falta de dinheiro, e sim a maneira como ele é distribuído. É preciso rever as prioridades do orçamento”, disse.

As atividades administrativas estão completamente paralisadas em alguns distritos da Funai espalhados pelo país. É o caso de Rondonópolis (MT).

“Aqui, só está funcionando a Casa do Índio, mas não sei até quando, porque a comida e os remédios estão acabando”, afirmou Denivaldo Roberto da Rocha, administrador do distrito na cidade.

As contas de água, luz e telefone estão todas atrasadas e há risco de corte para os próximos dias.

As administrações de Redenção (PA) e Manaus estão com os telefones cortados.

Em Tabatinga (AM), a Casa do Índio foi fechada. Em Itaituba (PA), duas farmácias da cidade informaram que não irão mais fornecer remédios para a Funai.

documentação  
 fsp  
 13/10/98 Pg 1-6 cont  
 PINR 1770

Editoria de Arte/Folha Imagem

## A situação das Casas do Índio



\* número aproximado  
 \*\* Os valores das dívidas nos Estados e números de atendimento podem ser maiores. Os dados correspondem apenas aos principais distritos apurados pela Agência Folha

Fonte: Funai (Fundação Nacional do Índio)

## Guaranis querem vender água

JOSÉ MASCHIO  
 da Agência Folha,  
 em Santa Amélia (PR)

Os índios da reserva indígena Laranjinha, em Santa Amélia (norte do PR), querem explorar comercialmente uma fonte de água mineral para fugir do quadro de miséria na aldeia.

A dificuldade dos índios guaranis em colocar em prática o projeto é vencer obstáculos da lei sobre áreas indígenas e conseguir recursos para financiar o engarrafamento da água.

A fonte de água mineral da reserva foi descoberta em abril do ano passado, quando os guaranis solicitaram análise da água que abastece as 52 famílias das aldeias. O Tecpar (Instituto de Tecnologia do Paraná) classificou a água como alcalino terrosa cálcica e apta para ser comercializada.

Análise de potencial mostrou uma capacidade de 250 mil litros/hora, o que viabiliza a exploração comercial.

Em análise preliminar, o Departamento de Patrimônio Indígena, da Funai (Fundação Nacional do Índio), avaliou que seria necessária aprovação do Congresso Nacional para a exploração da água.

A legislação específica que recursos hídricos em reservas pertencem à União e sua utilização de-

pendem de aprovação do Congresso.

Edívio Battistelli, 44, assessor especial do governo do Paraná para Assuntos Indígenas discorda. Segundo ele, quando trata de recursos hídricos, "a legislação se refere a hidrelétricas, não à exploração da água".

Battistelli disse que o governo do Paraná está buscando "fontes de financiamento externo para bancar a industrialização da água mineral de Laranjinha".

Outras três reservas também seriam beneficiadas, com a construção de olarias (fábricas de telhas e tijolos) em áreas indígenas.

Battistelli calcula que serão necessários R\$ 150 mil para que os guaranis de Laranjinha iniciem a comercialização da água mineral.

O chefe da comunidade guarani, Mário Raulino Sampaio, 42, afirma que a exploração comercial da fonte de água mineral "é a realização do sonho de tirar os índios da miséria".

Sampaio quer que as autoridades estaduais e federais treinem os índios para produzir água.

Problemas não faltam para os guaranis da reserva de Laranjinha. São 242 pessoas (entre adultos e crianças) vivendo em uma área de 284,2 hectares. A área aproveitável para a agricultura é de apenas 84,7 hectares.

## Caiapós vão fazer protesto

da Agência Folha, em Belém

Três ônibus com 120 índios guerreiros caiapós partiram ontem de Redenção (PA) para Brasília. Eles vão protestar contra os cortes de R\$ 11 milhões feitos no orçamento das regionais da Funai.

"Eles querem conversar com todo mundo: com a Funai, os ministros e até com o presidente da República", disse o administrador regional substituto da Funai de Redenção, Benedito Oliveira.

A comissão contará com o apoio do administrador regional Tapieti Caiapó e dos caciques Komei Caiapó e Paulo Payakan. A Funai de Redenção tem uma dívida de cerca de R\$ 180 mil com fornecedores. Atualmente, para sustentar a Casa do Índio, com cerca de 60 índios hospedados, a Funai pede créditos.